

ULISSES SEBRIAN.

Eles tinham a certeza de que a vida havia os
deixado de lado. Até se encontrarem
acidentalmente e mesmo com todo medo e
obstáculos iam buscando o amor e a
felicidade. O amor custa menos do que
tememos.

*O amor
custa
menos do
tememos.*

Cap.1 – No elevador...

Os sonhos, não são sonhos. São desejos guardados. São desejos que protegemos do mundo.

Elisa, não encontrou razão alguma para sorrir naquela manhã. Olhou para o infectologista, e apenas suspirou. Não poderia desaproveitar toda e qualquer esperança que encontrara até aquele momento de sua vida ou viesse encontrar. Esperança era o oxigênio que a alimentava dia a dia.

- O tratamento está se mostrando eficiente em diminuir a carga viral. - disse o médico.

- Já não sinto sintoma algum!

- Ótimo! Sua resistência já está há de um adulto. Quando chegou aqui na primeira consulta, tinha a resistência de um bebe.

- Uma sobrevida de qualidade? – bufou ela.

- Há muitas pessoas convivendo muitos e muitos anos com o HIV.

- Bem... Temos que ter esperanças. Acreditar na vida, no dia a dia. – para Elisa era preciso acreditar em todas as possibilidades.

-E quanto ao seu marido. Ele sabe que está contaminado?

-Foi dele que herdei esse vírus. Já te disse Dr. Somente dele.

- Sim claro. E por favor, me desculpa! Essa rotina de médico, muitos pacientes a gente sempre se esquece de alguma conversa. E ele como está?

Elisa mostrou um ar de indiferença.

-Saiu de casa, me deixou com os filhos e nossas doenças... Graças a Deus os meus filhos não foram contaminados.

-Senhora Elisa, a doença em si não se manifestou o que é muito bom!

-Não precisa dizer mais nada doutor. Não tenho paciência, para falsas esperanças. A minha vida acabou de certa maneira. Fui traída, fui contaminada e abandonada. Estou só nesse mundo e com os filhos para criar. É o que me resta nessa vida. – era preciso desabafar. Às vezes Elisa não suportava o peso de estar contaminada.

O infectologista, sabendo que o tratamento com a medicação retroviral potencializava a sensação de impotente em alguns paciente e depressão em outros.

- Dona Elisa não é assim tão dramático, nem sem esperanças. A AIDS requer cuidados especiais, mas não é o fim de todas as coisas e sentimentos em sua vida.

A senhora pode ter uma vida afetiva se quiser, tomando os cuidados.

- Ah! Doutor o senhor é médico e está em seu papel. E além do mais mesmo que eu queira arrumar um companheiro futuro, assim que souber que estou contaminada, me abandonará.

-Não é bem assim...

-Não é bem assim se eu estivesse morta. Talvez lá no céu. Aqui é assim. O mundo é assim, as pessoas são assim. Não as culpo, eu também teria medo. Mas foda-se. Agora tenho que encontrar um emprego para terminar de criar os meus filhos. Quero dar educação a eles. – Elisa respirou fundo, e meteu um sorriso no rosto. – É a única coisa que me faz sentir viva. Os meus filhos... E por eles é que vou lutar. Por meus filhos...

O infectologista sorriu ter um objetivo uma causa dava mais força em viver e a

incentivou quanto a isso. Depois lhe deu a receita para retirar medicamento no posto de saúde. Ofereceu um café, água e lhe explicou mais sobre outros sintomas que a medicação poderia lhe causar e se despediriam desfazendo-se no tempo aquele momento.

Elisa ira vê-lo no próximo mês como se tornou rotina nos últimos dois anos de sua vida. No começo tudo foi pesado demais, deu-lhe medo terrível de morrer e deixar os filhos. Mas também morrer e perder a vida a sua vida. Nunca mais viu Mauro o seu ex-marido. Ele a abandonou covardemente junto com a doença. Eram tantas pedras em seu caminho que agora com a doença mais estável podia olhar para trás e ver que tirou uma a uma. Lutou mesmo que na solidão no desprezo e afastamento de muitos parente e amigos ao saberem de sua doença.

“Apreendi o que é preconceito, tive os meus também e como é horrível para quem sofre” – pensou. Mas a vida estava ali, a sua frente a todo instante. Respirou fundo deixou o consultório e tomou o elevador.

Ao tomar o elevador Elisa sentiu vontade de chorar, mas lágrimas não iriam resolver os seus problemas, nunca resolveram. Ganhou uma tragédia em sua vida, sem ter buscado por ela, apenas confiou no marido. Mas fazer o que? Então ouviu uma voz.

- Em que andar vai?

Elisa olhou para o lado e viu um homem acuado ao canto, com um sorriso inesperado e que lhe causou um sorriso também.

-Ah, me desculpa, eu estava divagando com os meus pensamentos e nem percebi que tenho que apertar o botão.

- Isso já me aconteceu. – disse o homem cordialmente.

Elisa sorriu e apertou o botão do térreo.

Depois o silêncio ao lado de um estranho e a sós dentro daquele elevador. E conforme os andares iam passando o silêncio aumentava.

Até que no sétimo andar indo para o sexto o elevador deu um tranco e depois parou... As luzes piscaram... Acenderam e apagaram e ascenderam novamente.

Um olhou para o outro.

- O meu Deus? – disse Elisa.

- Calma! - disse o homem com segurança.

- Calma! O elevador parou!

- Tem um telefone de emergência. – disse o Homem e tomou o telefone. - Falou com a portaria e depois olhou para Elisa. – O porteiro foi avisado e foi buscar o técnico de segurança.

-Eu tenho que pegar os meus filhos na escola. Isso não podia ter acontecido.

-Vai ser rápido. Não se preocupe.

-Desculpa a minha aflição.

-Tudo bem. Há dias em nossas vidas que não dá para controlar mesmo.

- É verdade.

Um silêncio contínuo e perceberam que seus olhares cruzavam vez por outra.

-Acabei de me demitir. – disse Ele, quebrando o silêncio.

Elisa se surpreendeu.

-Puxa! Que chato.

-Pode ser, mas eu estava com saco cheio já mesmo. E na vida às vezes é bom chutar tudo para o alto.

Ela sorriu

-Eu to com vontade de fazer isso faz tempo.

-Apertar o botão?

-Qual botão? – Elisa olhou para o painel a sua frente.

-O botão do Foda-se tudo.

Elisa sorriu...

-Desculpa o palavrão, mas não encontrei outra palavra...

-É isso mesmo. Tenho vontade de apertar esse botão...

-Prazer meu nome é Elias.

-Elisa.

Os seus olhos se apresentaram.

Cap. 2 – Olhares revelam a alma...

Cinco minutos se passaram e ainda estavam ali presos no elevador parado entre o sétimo e sexto andar.

Elias, falou em que trabalhava,

- Construção civil. Sou engenheiro. E por motivos pessoais me demiti. Você não imagina como as empresas não valorizam os bons profissionais. Alguns chefes preferem o puxa saco da vida. Se sentem mais seguros em suas incompetências com um puxa saco do lado. Mas quer saber! Até que foi bom me sinto mais aliviado. Eu não estava conseguindo suportar mais tanta... Incompetência.

-Puxa! É uma coragem sua está em estar de bem com uma demissão.

Ele sorriu, achou interessante aquela mulher perceber essa sua coragem esse seu ponto de mudança na vida.

- É não é comum!

- Já encontrou outro emprego?

Elias sorriu.

-Você parece a minha mãe se preocupando.

-Ai me desculpa! Eu não quis invadir nem criticar as suas escolhas...

-Agora gostei. Mas não se preocupe!

-É que estamos conversando...

-Claro.

-Você é casado?

-Divorciado.

-Tem filhos?

-Não. – Elias se desconcertou...

Elisa pensou que talvez por isso houvesse se separado. Mas que besteira! Como ela pode trazer esse pensamento, logo ela.

-Coragem sua ter divorciado.

-Por quê?

-Sei lá! Eu não consegui me divorciar e... Eu paguei caro.

-Como assim?

-É uma história longa e complicada...

-Me desculpa estar entrando em sua vida. É que estamos conversando.

-Claro.

Um breve silêncio.

- Será que não vão arrumar esse elevador?
– perguntou Elisa.

-O técnico já está vindo.

- Tomara! Eu tenho que pegar os meus filhos na escola! – Elisa percebeu que já havia dito isso! Estava desconsertada diante, daquele homem querendo devorá-la com o olhar.

-Você vai se separar ou se separou?

- Ele foi embora depois de me aprontar uma...

- Puxa! Que chato! Que barra! Às vezes a vida nos dá um tombo!

- É, mas eu não tenho tempo para lamentar, tenho que cuidar dos meus filhos.

- Sim isso é uma superação. – Elias se encantou com a força daquela mulher que parecia lhe devorar com o olhar. – E você trabalha?

- Não, me dediquei sempre a casa, aos filhos e ao marido- Elisa suspirou - Mas agora com tudo isso acontecendo em minha vida vou ter que trabalhar. Vou ter que reorganizar toda a minha vida.

Elisa não lamentou, mas expressou o seu medo, a sua angustia ainda controlada diante de um estranho.

Elias percebeu, e tentou encontrar uma palavra amiga... Mas naquele momento os

seus arquivos e frases feitas estava fora do ar. E mesmo com todo medo Elisa parecia querer ir enfrente, não falou em para em se lamentar.

Os dois permaneceram num silêncio por breves segundos.

- É a vida é assim... Tem sempre uma jogada nova...

- É mesmo... Sabe não estou lamento, estamos apenas conversando.

-Claro.

- E esse elevador! Eu preciso falar com a minha irmã. Não vai dar tempo de eu pegar os meus filhos.

Elisa tomou o celular e ligou para a irmã, duas, três vezes. Estava fora de área.

- Tome o meu, pode ser a operadora. A gente tem que ficar sempre vivo com elas.

-Ai eu vou aceitar.

Elisa ligou para a irmã e finalmente conseguiu falar. Acertou tudo. Depois devolveu o celular. Elias o tomou e registrou o número ligado.

O elevador continuava parado.

- Você tem uma profissão?
- Sou formada em letras? E lecionei por cinco anos. Escola pública e particular.
- Sempre fui péssimo em literatura.

Elisa sorriu.

- Não que eu não goste de ler. Não é isso.
- Eu entendo. Matemática sempre foi o seu forte.
- Já sabe algo de mim. – disse Elias sorrindo.

Elisa se desconcertou...

- Estamos conversando não é mesmo?
- Afirmou depois.
- Sim claro. - sorriu Elisa

Um breve silêncio.

- Mas muita coisa poderia ser diferente em minha vida. Eu poderia ter tomadas outras decisões. E estar em outro lugar nesse momento. Você já pensou nisso?

- É o que mais tenho feito ultimamente. Se eu tivesse coragem teria me separado antes. – disse Elisa.

- É algo tão ruim assim!

- Coisa da vida!

- Você me parece corajosa!

Elisa sorriu.

-Por que!

- Parece está enfrentando uma barra pesada e mesmo assim não parece desistir.

Elisa ficou feliz... Nunca ninguém havia lhe dito isso. E tão pouco ela própria havia se percebido nessa coragem.

- Nossa. Obrigada! Mas é que eu tenho filhos. E um filho sempre te dá forças que

você desconhece, não imagina que está em você.

Elias sorriu com a sua afirmação

- Eu imagino. Não tive filhos, mas acho que teria a mesma força.

Elisa percebeu um lamento naquele homem por não ter filhos. E mesmo assim não parecia um homem fraco como o seu ex-marido.

- Me desculpa a palavra, mas você também tá achando a vida uma bosta. – disse Elias.

- Completamente. Uma bosta. Se não fosse pelos meus filhos...

- E o pior que sentimos não ser culpa nossa.

-Exatamente. Como se algo tivesse conspirado contra nós contra os nossos sentimentos. – Elisa se descobriu tão mais forte na presença daquele homem que ainda queria lhe devorar com o olhar, mas agora parecia acariciar lhe com as palavras.

-Mas na verdade a gente sabe que é o risco das decisões que tomamos.

Elisa tornou-se pensativa.

- Na verdade...

- É a vida. E não podemos culpar ninguém. Foi por isso que eu pedi para me demitiram. Não estava suportando mais as minhas escolhas.

- O meu caso é diferente...

- É...?

- Bem, não é diferente. Eu escolhi ficar com aquele homem por isso eu... – Elisa hesitou! Não poderia dizer que foi infectada pelo HIV por ter amado Mauro, por ter confiado nele.

- Mas não se culpe por isso seja lá o que for. É o risco de investir em alguém... Quebrar a cara, levar um pé na bunda... Sofrer...

- Você é tão exato...

Elias sorriu. Derrepente se descobriu tão mais forte do que era diante daquela mulher que ainda queria lhe devorar com o olhar, mas lhe dava força com suas palavras.

- Não é ser exato, é despertar, enxergar a vida. Ela nos dá todas as possibilidades, e somos livres para fazer a escolha, e sustentar e pagar por essas escolhas seja ela qual for.

Derrepente, Elisa sentiu um alívio em sua vida, uma força diante daquelas palavras que não sabia existir dentro de si. Magicamente ou como a um milagre não sentiu mais pena de si.

- Nossa suas palavras... É como se eu tivesse acordado de um pesadelo...

Elias a olhou com desejo. Desviou o seu olhar. Sentiu-se estranho, forte, inédito, ao ver aquela mulher.